

A GRAMÁTICA RACIONALISTA EM PORTUGAL NO SÉCULO XVII: A OBRA DE AMARO DE ROBOREDO

1. INTRODUÇÃO

O racionalismo na gramática portuguesa no século XVII tem um representante importante na pessoa de Amaro de Roboredo, autor de várias obras sobre as línguas latina e portuguesa.

Quando comecei, nos anos oitenta, a ocupar-me da história da gramaticografia portuguesa, Amaro de Roboredo era uma personagem muito pouco conhecida. Hoje já há duas edições fac-similadas do seu *Método gramatical* (Kossárik 2002; Assunção/Fernandes 2007) e diversos estudos sobre os seus escritos linguísticos (cf. bibliografia em Assunção & Fernandes [eds.] 2007: XCVII-CII e Schäfer-Prieß 2006: 73). Com toda a razão, porque a obra de Roboredo tem, na minha opinião, um lugar preeminente na história não só da gramaticografia portuguesa (ou latino-portuguesa), mas também cotejando com obras contemporâneas comparáveis em outros países. Roboredo criou um método completo e coerente para a aprendizagem de línguas estrangeiras. Neste artigo, vou tentar mostrar o impacto que têm neste modelo as ideias racionalistas.

2. O RACIONALISMO NO MODELO TEÓRICO E DIDÁTICO DE AMARO DE ROBOREDO

O racionalismo manifesta-se na obra de Amaro de Roboredo de duas maneiras: é uma pressuposição para a sua teoria universalista da linguagem e uma componente importante do seu modelo didático.

2.1. Teoria da linguagem

2.1.1. Gramática, cópia e frase no Método gramatical

Para Roboredo, cada língua consiste em *gramática, cópia e frase*. É uma divisão que foi corrente na época e que foi a base do ensino jesuítico¹. As três partes do *Método* correspondem a estas partes da língua:

1. *Gramática exemplificada na Portuguesa, & Latina*
[Recopilaçam da grammatica portuguesa, e latina, pela qual com as 1141. sentenças insertas na arte se podem entender ambas as linguas]²
2. *Cópia de palavras exemplificada nas Latinas, artificio experimentado para entender latim em poucos meses*
3. *Frase exemplificada na latina, em que se exercitão as syntaxes ordinarias, & collocação rhetorica [...]*

A *gramática* compreende a descrição das partes da oração com a flexão nominal e verbal e a sintaxe de concordância e de regência. A *cópia* apresenta-se em forma de um vocabulário básico latim composto em sentenças, segundo o modelo da *Ianua Linguarum* dos Padres de Salamanca (cf. Schäfer-Priess 2006:75-78). A *frase* trata das particularidades da sintaxe latina.

Roboredo explica a diferença entre a *gramática* e a *cópia e frase* da seguinte maneira:

De star a Latina reduzida a arte ha tantos annos, & irse sempre a arte aperfeiçoando, podemos dizer, q̃ soube Francisco Sanchez Brocense mais Grammatica Latina em nossos tempos, que Cicero, & Varrão columnas da lingua, nos seus, que lhe precederom 1640 annos. Elle mais Grammatica, & estes mais Latim. Porque a Grammatica depende da razão, que a natureza vai pelo tempo descobrindo aos bõs ingenhos, que sobre ella trabalhão: & como a lingua consta de Grammatica, Cópia & Frase [...] aquelle alcançou mais Grammatica, & estes sabião mais Cópia, & Frase com mais propriedade, porque como Materna lingua a usavão des os berços. E a natural pronunciação, & sitio das palavras no modo de fallar, não o podia o Espanhol encontrar facilmente; porque nem a Latina se falla em provincia algũa [...]. Exemplo seja hoje hum Castelhana avisado, & ainda scrittor, que pronunciará melhor a sua lingua Materna, saberá mais Cópia, & Frase, que hum Portugues, & cõ tudo pode haver portugues que lhe ensine a Grammatica da lingua, que tambem falla (Roboredo 1619: b1r).

¹ Bathe por exemplo, um dos modelos de Roboredo, distingue na língua quatro *partes praecipuae*: os vocábulos, a gramática (*congruitas*), as frases (expressões idiomáticas) e a *elegantia*: “[...] praenotandum est cuiuslibet linguae corpus ex quatuor praecipuis membris consistere, vocabulis, congruitate, phrasibus, et elegantia: vocabula dictionarium, congruitates grammatica, phrases autores, elegantiam suis schematicus rhetores depingunt; phrases vocamus idiotismos, sive peculiaries cuiuslibet linguae loquendi modos” (Bathe 1611, cf. O’Mahony 1981: 142).

² Trata-se de uma folha com taboas de declinação e conjugação que falta em quase todos os exemplares que existem. Foi redescoberto por Gonçalves Fernandes e faz parte da sua edição facsimilada, entre as páginas 78 e 79 (Assunção/Fernandes 2007:VII-IX).

A *gramática* é portanto a parte da língua que se pode aprender artificialmente, *por arte*, ao passo que a *cópia* e a *frase* se adquirem *direitamente* (Roboredo 1619: av2), *por uso*, normalmente num ambiente natural, como ao aprender a língua materna. A gramática prototípica é, portanto, a da língua estrangeira, a *cópia* e a *frase* típicas são as da materna. Mas, evidentemente, a língua estrangeira tem também um vocabulário e estruturas sintáticas que se devem aprender, e a língua materna tem igualmente uma gramática que se pode entender e descrever.

Para ensinar a *cópia* e a *frase*, artificialmente, mas *sem razão*, Roboredo oferece as duas últimas partes do *Método*.

A primeira parte, a *gramática*, serve primeiramente para consciencializar das estruturas gramaticais da língua materna e depois transferir as regras, julgadas universais, para a língua estrangeira, neste caso o latim. Para Roboredo, as estruturas gramaticais que se aprendem naturalmente não têm o mesmo valor que a gramática adquirida artificialmente. Só a compreensão consciente das formas gramaticais, seja da língua materna ou de uma língua estrangeira, faz justiça à razão humana:

E se quando se teê por mui Latinos, lhes perguntamos a razão da lingua, que fallão, emudecendo na propria, a dão melhor na estranha que aprenderom & não fallão. Falla o papagaio, o que lhe ensinão, sem dar disso razão, porque a não tem; mas o homem racional porque a não ha de dar? (Roboredo 1619:b1v)

Por isso, os falantes devem estar conscientes da *razão* não só da língua estrangeira que aprenderam *por arte*, mas também da materna.

Uma consequência necessária do racionalismo é o universalismo: sendo a razão a mesma para todos os homens e sendo a língua a expressão dessa razão, as várias línguas não podem ser completamente diferentes:

A razão he, que os Latinos erão homêes, com os quaes concordamos na racionalidade, que encaminha o entendimento, & lingua, a declarar, o que sentimos: & ainda que as palavras sejam diversas, assi cada hũa per si, como muitas juntas na razão da frase, com tudo a união racional dellas em todos he a mesma. (Roboredo 1619: a4v)

Encontram-se aqui ideias racionalistas e universalistas como foram divulgadas na época pelas obras de, por exemplo, Scalígero e, sobretudo, Sánchez de las Brozas, que Roboredo nomeia como modelo em vários lugares. Há, porém, diferenças consideráveis entre as teorias linguísticas de Sánchez e de Roboredo.

2.1.2. A teoria linguística de Sánchez de las Brozas

Na *Minerva* de 1587, o Brocense distingue entre uma estrutura sintática abstrata (*profunda*), racional e universal, e estruturas sintáticas particulares, sendo as diferenças entre as duas estruturas explicadas pela elipse (cf. Bossong

1990:179-181 e Ponce de León 2002:494-495). Por exemplo, Sánchez atribui à frase (a) uma estrutura subjacente (b), considerada como válida para todas as línguas:

- (a) Petrus et Paulus disputant
- (b) Petrus disputat, et Paulus disputat

Explica: “Coniunctio non iungit similes casus, ut inepte traditur, sed tantum iungit sententias” (Sanctius 1986[1587]:43v).

Outro exemplo conhecido é o *nominativus cognatus* em frases como (*taedia*) *taedet (pluvia) pluit* (Sanctius 1986[1587]:166v), onde é acrescentado na estrutura abstracta um sujeito que nunca aparece no enunciado concreto.

O objetivo de Sánchez é explicar as irregularidades aparentes do uso pela razão: “[...] l’usus [...] n’est pas un ensemble de faits inclassables, résistant à tout effort de rationalisation, mais au contraire un ensemble de données qui ne changent pas sans raison, autrement c’est *abusus* et non *usus* qu’il faudrait dire” (Clérico 1982:22).

A teoria de Sánchez pode ser esquematizada da seguinte maneira:

USUS	<i>estrutura superficial</i> sintática sintaxe particular, concreta <i>Petrus et Paulus disputant</i> (Sanctius 1986[1587]:43v)	ELIPSE
RATIO	<i>estrutura profunda</i> sintática sintaxe abstracta, lógica <i>Petrus disputat, et Paulus disputat</i>	

Quadro 1

2.1.3. Racionalismo e universalismo na obra de Roboredo

Roboredo adapta do modelo sanctiano a distinção entre o universal (que é ao mesmo tempo racional) e o particular, mas, para ele, não se trata, em primeiro lugar, de uma distinção entre um nível abstrato e um nível concreto; Roboredo trata antes de fazer corresponder a parte universal da língua à gramática, em contraposição ao vocabulário e às estruturas sintáticas particulares. Ao passo que Sánchez tenta explicar o uso particular pela estrutura universal subjacente, para Roboredo é uma característica do uso o não se conformar às regras fixas que não se podem aprender sistematicamente.

USO (particular)	vocabulário (cópia de palavras) sintaxe particular (frase) <i>composição figurada</i> : violação da <i>ordem natural</i> , elipse
RAZÃO (universal)	morfologia nominal e verbal sintaxe regular: concordância e regência <i>ordem natural</i>

Quadro 2

A elipse, que serve na *Minerva* para derivar uma estrutura concreta de uma base abstrata, aplica-se unicamente numa parte da gramática, a sintaxe simples, onde Roboredo se refere diretamente a Sánchez (cf., por exemplo, Roboredo [1619: 184]: “na Regencia de Genitivo se commette muitas vezes a figura *Ellipse*, pela qual as terminações neutras dos Adjectivos teem as vezes de Sustantivo para regerem Genitivo”). Em reconstruções sintáticas, como por exemplo *taedium taedet* ou *pluvia pluit* para *taedet* ou *pluit* (Roboredo 1619: 184; *nominativus cognatus*, vide acima), onde uma realização concreta é muito pouco provável, pode-se falar de uma estrutura abstrata no sentido sanctiano. Mas, de resto, a estrutura de base é para Roboredo uma frase concreta, a *oração do gramático*, em contraposição à *oração do retórico*:

As palavras da oração do grammatico põi o rhetorico em sitio quasi opposto. Porque o grammatico segue a ordem natural, que mostram os numeros, que vão sobre as sentenças da segunda parte deste Methodo. Porem o rhetorico como pretende enfeitar essa oração, collôca as palavras no sitio, que melhor armonia faz aa orelha: & nesta armonia consiste seu elegante ornamento, hora alongando, hora abbreviando, hora levando as palavras fora de sua propria significação (Roboredo 1619: 203).

As frases *regulares* (por exemplo *Virtus occupavit animam*) são atribuídas ao gramático, as outras (*Animam Virtus occupavit*), ao retórico – as duas são enunciados concretos possíveis.

Para além disto, a gramática de Roboredo não é unicamente uma sintaxe, mas consiste também, ou sobretudo, na flexão nominal e verbal, onde não se pode encontrar facilmente uma *estrutura profunda*

Racional para Roboredo, portanto, não quer dizer *abstracto* no sentido sanctiano. O que distingue a flexão nominal e verbal do vocabulário e da sintaxe é que na gramática há categorias fixas (por exemplo, as partes do discurso), relações (concordância e regência) e paradigmas (flexão), e que se podem formular regras que são aplicáveis a uma multiplicidade de palavras, ao passo que as palavras lexicais e as frases devem aprender-se isoladamente.

Neste sentido, a morfologia flexional é também abstrata – o que se mostra claramente na *Recopilação*, onde são indicadas unicamente as desinências flexionais -, mas de uma maneira essencialmente diferente.

Se *racional* implica *universal*, precisa-se de uma classificação das formas gramaticais que sirva para todas as línguas, no caso do *Método*, pelo menos para o latim e o português. Não surpreende que Roboredo tome como norma o sistema do latim, visto o alto prestígio e a tradição da identificação de *gramática* e *latim*. Põe, porém, as formas portuguesas em primeiro lugar, segundo o princípio didático de que a língua materna deve ser o ponto de partida.

Numero singular			Primeira	Segunda	Terceira	
	Nominativo		Alt-o	Alt-a	Torr-e	Quem.
	Genitivo	d'	Alt-o	Alt-a	Torr-e	De quem.
	Dativo	a	Alt-o	Alt-a	Torr-e	A quem, pera quem.
	Accusativo		Alt-o	Alt-a	Torr-e	Quem padece.
	Vocativo		Alt-o	Alt-a	Torr-e	Quem he chamado.
	Ablativo		Alt-o	Alt-a	Torr-e	Sem que. Com que. Em que. Onde. De que. Onde,

Quadro 3: *Exemplo das tres declinações Portuguesas* (Roboredo 1619: 2)

Evidentemente, não se trata de um inventário das formas nominais portuguesas, mas das correspondências típicas portuguesas aos casos latinos. Numa perspectiva diferente, poderia dizer-se que Roboredo deriva da gramática latina um sistema onomasiológico considerado como universal e exemplificado primeiro, no *Método*, com formas portuguesas. Os casos são *casos semânticos*, cuja função é definida por expressões com pronomes interrogativos e seus correspondentes relativos. Esta tabela poderia preencher-se, teoricamente, para cada língua.

Ao paradigma português, Roboredo faz seguir o paradigma latino correspondente:

	Primeira	Segunda		
Nominativo	Alt-us	Alt-a	Alt-um	Quem.
Genitivo	Alt-i	Alt-ae	Torr-e	De quem.
Dativo	Alt-o	Alt-ae	Torr-e	A quem, pera quem.
Accusativo	Alt-um	Alt-am	Torr-e	Quem padece.
Vocativo	Alt-e	Alt-a	Torr-e	Quem he chamado.
Ablativo	Alt-o	Alt-a	Torr-e	Sem que. Com que. Em que. Onde. De que. Donde,

Quadro 4: *Exemplos das cinco Declinações Latinas* [as duas primeiras] (Roboredo 1619: 2)

Na conjugação dos verbos, Roboredo segue também o inventário das formas do latim. A uma forma latina podem corresponder duas ou várias em português (por exemplo: lat. *amavissem* (mais-que-perfeito do subjuntivo) – port. *Amaße, teria, tivêra, & tivesse amado*, Roboredo 1619: 16).

É interessante que uma categoria só é estabelecida se é representada por formas sintéticas em latim. Assim, as formas do passivo do sistema do perfeito não são consideradas, porque não só em português, mas também em latim são formas analíticas (*rodeios, amatus sum, fui amado*, etc. (Roboredo 1619: 16)). Aparecem na terceira parte do *Método*, o “Exemplo latino da frase”, como fenómeno particular do latim.

Há ao menos uma exceção ao princípio latino: as formas do participio passivo latinas são classificadas na categoria do supino, porque em português se formam com o participio do passado:

Supino	† ³ A Amár, & para amár	Am-[a]tum
2. Part. act. de fut.	† Cousa que ha de amár, ou sta para amar	Am-atûrus, a, um
2. Part. passivo de pret.	Cousa amada	Am-âtus, a, um

Quadro 5: *Terceira cabeça que he o Supino*

³ A cruz significa que se trata dum *rodeio*, uma forma analítica ou perifrástica.

Seguese a voz passiva da Latina; porque a Portuguesa não tem mais que o participio, Amado, respondente ao Latino *Amatus, a, um*; & com elle, & o verbo, *Sou*, interpreta a voz passiva; como se vê, & adiante se dirá [...] (Roboredo 1619: 16).

Para Roboredo, portanto, a parte racional e universal da língua consiste, na sintaxe, em frases completas (sem elipse) em ordem natural, nas regras de concordância e de regência, e no sistema nominal e verbal nas categorias e paradigmas. Apesar das diferenças formais, que Roboredo explica pormenorizadamente, há dentro de cada língua uma categorização das partes do discurso e regras fixas de flexão, e podem-se estabelecer categorias onomasiológicas com correspondências em todas as línguas.

3. RACIONALISMO E UNIVERSALISMO AO SERVIÇO DA DIDÁTICA

Roboredo elaborou o seu modelo didático para reformar o ensino do latim como era praticado nos colégios dos Jesuítas. Segundo Ó Mathúna (1986: 137-138), os estudantes começavam pelo estudo da gramática⁴ e pela tradução da língua materna para a latina. Este curso durava entre três e seis meses. Em seguida, tinham de aprender a *cópia* e a *frase*. Quase desde o início do curso liam-se textos clássicos, sobretudo Cícero, cujo estilo os estudantes deviam imitar. A língua de instrução devia ser, desde o início e unicamente, o latim⁵ (Ó Mathúna 1986:137, 138; cf. Schäfer-Priess 2006:75).

Roboredo, como vimos, não se afasta da tripartição *gramática – vocabulário – frases* e da sua ordem no ensino. A sua crítica dirige-se ao método de ensinar estas partes.

Primeiro, reclama que a língua de instrução seja a materna, para que os alunos possam entender as regras em vez de simplesmente as decorar.

[...] tirou Aristoteles da experiencia de nossas limitadas potencias esta conclusão: *Absurdum est simul quaerere scientiam, et modum sciendi*. E não sentem os incômodos deste absurdo, os que não experimentão os commodos do stylo contrario. E serialhes facil studando Grego, ou Hebreo per hũa arte toda em Grego, ou Hebreo: onde a custa de seu trabalho experimentarião, ã fica a tal arte, como testemunha de menor idade do que o mestre diz: do qual aprendem então dereitamente, & não da arte. Porque tendo esta sem Mestre nunca saberão a lingua:

⁴ “[...] praecipua exercitia inferiorum classium sunt declinare, coniugare, concordantiae, compositio per species verborum, quae sunt fundamenta omnium quae postea sequentur [...]” (*Ratio studiorum*, citado segundo Ó Mathúna 1986: 138) A gramática decretada para todos os colégios era a *De institutione grammaticae libri tres* do Jesuíta Manuel Álvares de 1572.

⁵ “Latine loquendi usus severe in primis custodiatur, iis scholis exceptis in quibus Latine nesciunt; ita ut in omnibus que ad scholam pertinent, nunquam liceat uti patrio sermone, notis etiam adscriptis, si qui neglexerint; eamque ob rem, latine perpetuo magister loquatur” (Ó Mathúna 1986: 140).

& tendo Mestre sem a tal arte, a podem saber; & muito melhor, tendo Mestre & arte que entendão. O mesmo he da Materna para a Latina, sendo a Grammatica em Latim. E o fugir deste absurdo, hé o primeiro fundamento daquillo, que estes teẽ por milagre; entrar hum minino dentro de anno na Latina (Roboredo 1619: a2v).

Além disso, Roboredo insiste em começar o ensino pela gramática da língua materna. Conforme ao seu princípio universalista, crê que as regras gramaticais da língua materna, que se aprendem mais facilmente do que as da estrangeira, se podem transferir para esta.

E a lingua Materna se ha primeiro de ensinar per arte aos mininos (Roboredo 1619: a4r).

O principiante, que passar per este Methodo para as outras linguas tem meio caminho andado, tendo decorado na primeira as regras que servem para todas, e achandoas correspondentes nos lugares em que vão postos os preceitos. E viráse a facilitar mais o comercio entre as Nações & a descobrir muitas propriedades da lingua estranha, fazêdo da Materna quasi regra commum. Como por exemplo, quem souber bem per arte a Portuguesa, ou Castelhana, descorrendo na Latina per semelhança, irá descobrindo hum concerto, propriedade, & methafora racional, & ainda as irrregularidades, & particulares modos de fallar, que o ignorante vulgo introduzio: os quaes são certas quebras da arte, que sendo mui arreigadas devemos usar. A razão he, que os Latinos erão homẽs, com os quaes concordamos na racionalidade, que encaminha o entendimento, & lingua, a declarar, o que sentimos; & ainda que as palavras sejam diversas, assi cada hũa per si, com muitas iuntas na razão da frase, com tudo a união racional dellas em todos he a mesma. (Roboredo 1619: a4v)

3.1. Gramática

Como já vimos, Roboredo constrói a sua gramática segundo os seus princípios teóricos: começa pelas formas da língua materna e explica a gramática em português. Pressupõe-se o conhecimento das regras gramaticais para a análise das sentenças da *Ianua Linguarum* apresentadas na segunda parte do *Método* e no livro publicado separadamente em 1623.

Embora primeiramente prevista para o ensino da cópia, a *Porta das linguas* não serve unicamente para ensinar o vocabulário básico do latim, mas oferece também uma aplicação da gramática a frases concretas. Com os conhecimentos adquiridos na parte gramatical do *Método* e com a ajuda das marcas gramaticais, das traduções das palavras e da numeração, o aluno pode analisar as frases latinas.

Roboredo explica:

[...] quisera que tiveras sabido os principios do Nome ao menos, e do Verbo com suas declinaçæões [...] Do Nome, se he Sustantivo, se Adjectivo. Se he Sustantivo, pela cabeça sobre si sabe a Declinação, Genero, Numero, Caso, e o regente daquelle caso, o qual regente tem sobre si o menor numero: como na primeira sentença. 2. Nomine, rege o 3. Trinitatis. Porem se for Adjectivo, dirás que está posto no mesmo Caso, Numero, e Genero do Sustâtivo, como aquelle que sem Sustantivo, com o qual concorda, não entra na oração, como na mesma sentença notarás em 4. Sanctissimæ. Logo verás se esse Adjectivo he de hũa terminação, se

de duas se de tres: ou se he Pronome, se Participio, se Interrogativo, se Relativo, se Partitivo, se Numeral, se Possessivo, se positivo, se Comparativo, se Superlativo (Roboredo 1623:26).

A *razão* da língua exprime-se pela numeração: a ordem 1 – 2 – 3... é a *ordem natural*, que é respeitada na sentença seguinte nas traduções portuguesa e castelhana, mas não na versão latina, onde se trata da *ordem retórica*:

2 a, ae. f. 3 a, ae. f. 1 so, is. ac.

Anguillam cauda capéssis.

(1 2 3

Tomas a anguía pelo rabo.

Tomas la anguila por la cola). (Sentença 192, Roboredo 1623:66-67⁶).

A falta de um número indica uma elipse, que, neste exemplo, se produz também unicamente na frase latina, onde a cópula não aparece:

1 um, i n. 3 um, i. n. 4 us

Principium dimídium totfus

(1 2 3 4

O principio he a ametáde do todo.

El principio es la mitád del todo.) (Sentença 4, Roboredo 1623:34-35)

É interessante que a base sintática, a *estrutura profunda*, não é a ordem do latim clássico, mas a *ordem natural* (Schäfer-Prieß 2000:258) a que correspondem melhor as línguas modernas.

As indicações gramaticais são *racionais* ou universais na medida que se podem identificar as partes do discurso que se correspondem em latim e em português e castelhano (mas não forçosamente em todas as línguas), e, junto com a numeração, as relações entre as palavras. É evidente que aqui o proveito didático é mais relevante do que a pretensão teórica.

3.2. A cópia

O vocabulário é considerado como não sendo universal e não sendo dependente da razão. Tem, porém, que ser aprendido artificialmente numa língua estrangeira, e o método que ofereceram os Padres de Salamanca na sua *Ianua Linguarum*, i.e. combinar as palavras do vocabulário fundamental em frases, parece-lhe a Roboredo muito mais eficaz do que o método onomasiológico:

⁶ Para uma análise mais pormenorizado das sentenças da *Porta das linguas*, vide Schäfer-Prieß (2006:81-86).

[...] não sómente se escusavão aquelles rodeios, pelos quaes nas escolas são os principiantes encaminhados a copia de palavras, debaixo destes titulos: De cousas domesticas. De cousas divinas. De cousas de auditorios, de guerra, de navegação &c. (em que he certamente maior a perda do tempo, que o ganho de palavras) mas que ainda toda a copia necessaria para entender, fallar, e escrever livros se tira desta obra de maneira que rendem mais per esta via seis meses, que pela ordinaria quatro, ou seis annos (Roboredo 1623: [2-3]).

O método da *Ianua Linguarum* teve na sua época um sucesso considerável, de que a *Porta das línguas*, infelizmente, não participou (Schäfer-Prieß 2006:88-89).

3.3. A frase

Sendo a frase definida como “hum particular modo de fallar de cada lingua” (Roboredo 1619: 182), a terceira parte do *Método* (“Exemplo latino da frase”) trata de uma só lingua, a latina. Nesta parte, Roboredo serve-se muitas vezes da elipse para explicar as particularidades da sintaxe latina. Integra lá também, por exemplo, as formas analíticas do passivo que omitiu na parte gramatical, porque a gramática é para ele ligada à forma sintética. Se, como no caso do particípio passivo do sistema do perfeito, não há formas sintéticas ao menos em uma das línguas, a categoria já não faz parte da *gramática*, mas da *frase*:

No rodeio do Particípio passivo de preterito se ajudão os tempos da primeira cabeça, & os da segunda: como, *Amatus sum, vel fui.* &c. *Amatus sim, vel fuerim* &c. *Amatus eram, vel fueram* &c. *Amatus essem, vel fuisset* &c. *Amatus ero vel fuero* &c. (Roboredo 1619:192).

4. CONCLUSÃO

O racionalismo e, daí resultante, o universalismo linguísticos são os pilares do método didático que Roboredo apresenta no seu *Método gramatical para todas as línguas* e na *Porta das línguas*. Da premissa de todos os homens serem dotados da mesma razão, Roboredo deduz, dum lado, que línguas diferentes têm as mesmas estruturas básicas e que a reconstrução destas estruturas pode facilitar a aquisição das línguas estrangeiras. Do outro lado, Roboredo exige que a racionalidade seja considerada no ensino de maneira que os alunos *percebam* as regras gramaticais em vez de simplesmente as decorar, o que só é garantido se a lingua de instrução for a materna.

Para a teoria linguística, Roboredo encontrou um modelo na teoria de Sánchez de las Brozas, que modificou, porém, de maneira considerável: Sánchez não alimentou intenções didáticas (cf. Ponce de León 2002:496), ao passo que, para Roboredo, o objetivo mais importante foi oferecer um novo método para o ensino das línguas estrangeiras (em primeiro lugar, evidentemente, do latim). Resulta uma obra de uma coerência impressionante com certas considerações didáticas dignas de discussão ainda hoje em dia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Carlos & FERNANDES, Gonçalo (eds.). 2007. Amaro de Roboredo, *Methodo grammatical para todas as linguas*. Edição facsimilada com prefácio e estudo introdutório de Carlos Assunção e Gonçalo Fernandes. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras.

BOSSONG, Georg. 1990. *Sprachwissenschaft und Sprachphilosophie in der Romania. Von den Anfängen bis August Wilhelm Schlegel*. Tübingen: Narr.

CLÉRICO, Geneviève. 1982. "Introduction". 11-95. Cf. Sanctius Brocensis, Franciscus. 1982[1587].

FERNANDES, Manuel Gonçalo de Sá. 2002. *Amaro de Roboredo, um Pioneiro nos Estudos Linguísticos e na Didáctica das Linguas*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa. Vila Real.

KOSSÁRIK, Marina A[fanasievna]. (ed.). 2002. Amaro de Roboredo, *Methodo grammatical para todas as linguas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Ó MATHÚNA, Seán P. 1986. *William Bathe, S.J., 1564-1614: A Pioneer in Linguistics*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins.

O'MAHONY, Sean F. 1981. "The Preface to William Bathe's *Ianua Linguarum* (1611)". *Historiographia Linguistica* 8,1:131-164.

PONCE DE LEÓN ROMEO, Rogelio. 2002. "O Brocense na teoria gramatical portuguesa no início do século XVII." *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Série "Linguas e Literaturas"* 19. 491-520.

ROBOREDO, Amaro de. 1619. *Methodo grammatical para todas as linguas*. Lisboa: Craesbeeck.

ROBOREDO, Amaro de. 1623. *Porta de linguas ou modo muito accommodado para as entender; publicada primeiro com a tradução Espanhola. Agora acrescentada a Portuguesa com numeros interliniaes pelos quaes possa entender sem mestre estas linguas o que as não sabe, com as raizes da Latina mostradas em hum compendio do Calepino, ou por melhor do Tesouro para os que a querem aprender, e ensinar brevemente; e para os estrangeiros que desejão a Portuguesa, e Espanhola./Ianua linguarum sive modus maxime accommodatus ad eas intelligendas prius in lucem editus cum versione Hispanica*. Lisboa: Crasbeeck.

SANCTIUS BROCENSIS, Franciscus [= Francisco Sánchez de las Brozas]. 1986[1587]. *Minerva seu de causis linguae Latinae*. Reprint of the edition Salamanca 1587 with an introduction by Manuel Breva-Claramonte. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.

SANCTIUS BROCENSIS, Franciscus. 1982[1587]. *Minerve ou les causes de la langue latine*. Introduction, traduction et notes par Geneviève Clérico. Lille: Presses Universitaires de Lille.

SCHÄFER-PRIEB, Barbara. 1990. “Amaro de Roboredos Methodo grammatical para todas as linguas (1619)” ed. por Axel Schönberger & Michael Scotti-Rosin, *Zur Wissenschaftsgeschichte der deutschsprachigen Lusitanistik. Akten des 1. gemeinsamen Kolloquiums der deutschsprachigen Lusitanistik und Katalanistik. Beihefte zu Lusorama* 3. 55-74.

SCHÄFER-PRIEB, Barbara. 2000. *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822. Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*. Tübingen: Niemeyer.

SCHÄFER-PRIEB, Barbara. 2006. “A *Porta das linguas* (1623) de Amaro de Roboredo”. *Portugiesische Sprachgeschichte und Sprachgeschichtsschreibung* ed. por Rolf Kemmler, Barbara Schäfer-Prieb & Axel Schönberger, 73-91. Frankfurt a. M.: Domus Editora Europaea.

